

# **OUTROS RELATOS, NOVAS HISTÓRIAS: O PROCESSO TEXTUAL E CÊNICO DESENVOLVIDO POR GRACE PASSÔ E SUA RELAÇÃO COM AS QUESTÕES DE GÊNERO, SUBALTERNIDADE E NEGRURA.**

Osmar Vanio - UFSJ<sup>1</sup>

Alberto Ferreira da Rocha Junior. - UFSJ<sup>2</sup>

## **RESUMO:**

Esse resumo versa sobre a pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, realizado no período de Agosto de 2018 a Maio de 2021, na Universidade Federal de São João del-Rei. Sendo este, um recorte dos assuntos discutidos no segundo capítulo da dissertação intitulada: Relatos, momentos e história: a construção cênica de Ione de Medeiros e Grace Passô. Assim, fazemos aqui um recorte e apresentamos alguns pontos que discutimos no segundo capítulo da dissertação. Capítulo esse que tem como título: Outros relatos, novas histórias: o processo textual e cênico desenvolvido por Grace Passô e sua relação com as questões de gênero, subalternidade e negrura. Nesse ponto, fazemos um rápido levantamento histórico da vida e obra da diretora Grace Passô, analisando no espetáculo Por Elise, as questões de gênero, as quais Judith Butler nos propõe pensar, quando publica em 1990 o livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Butler é filósofa pós-estruturalista e uma das principais teóricas da questão contemporânea do feminismo, estudos queer, filosofia, política e ética. Buscamos relacionar esse espetáculo à questão de gênero, que Butler nos propõe, por compreendermos que há na concepção cênica dessa diretora um atravessamento, no que se refere a gênero. No entanto, além de gênero, analisamos também a situação da mulher negra na cena teatral de Belo Horizonte e suas implicações no cenário teatral atual, por entendermos que essa é uma questão de grande importância no momento em que nos encontramos, no qual, muitas/os outras/os pessoas negras/os vêm se colocando na cena teatral, literária entre outras, como agentes de suas histórias. Basta olharmos para o lado para percebermos a

---

<sup>1</sup>Osmar Vanio é Mestre em Artes Cênicas pela UFSJ (2021), dissertação “Relatos, momentos e história: a construção cênica de Ione de Medeiros e Grace Passô”, defendida em Maio de 2021, sob a orientação de Alberto Ferreira da Rocha Junior. Osmar Vanio é graduado em Direção Teatral pela UFOP (2009). Ator formado pelo Curso técnico de Teatro pelo Instituto de Filosofia Artes e Cultura da UFOP, 1999. Atualmente, Osmar Vanio ministra oficinas de Teatro no Programa Mariana Cidade Escola/Educação em Tempo Integral.

<sup>2</sup>Alberto Ferreira da Rocha Junior é Professor titular na UFSJ, tanto no Programa de Pós-graduação, quanto na graduação em Artes Cênicas. Possui doutorado em Artes pela Universidade de São Paulo (2002). Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1991), possui Graduação em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (1987).

presença de Conceição Evaristo, Leda Maria Martins, Carolina Maria de Jesus, entre outras. Mulheres negras que quebraram as barreiras do silenciamento e da lógica que o sistema lhes impunha.

**PALAVRAS-CHAVE:**

Teatro Mineiro, Direção Teatral, Mulheres no Teatro, Gênero, Grace Passô.

**ABSTRACT**

This abstract is about the research developed in the Postgraduate Program in Performing Arts, carried out from August 2018 to May 2021, at the Federal University of São João del-Rei. This being an excerpt from the subjects discussed in the second chapter of the dissertation entitled: Stories, moments and history: the scenic construction of Ione de Medeiros and Grace Passô. So, here we make an outline and present some points that we discussed in the second chapter of the dissertation. This chapter is entitled: Other accounts, new stories: the textual and scenic process developed by Grace Passô and its relationship with issues of gender, subordination and blackness. At this point, we make a quick historical survey of the life and work of director Grace Passô, analyzing, in the show Por Elise, the gender issues, which Judith Butler proposes us to think about, when she published in 1990 the book Gender Problems: feminism and subversion of identity. Butler is a poststructuralist philosopher and one of the leading theorists on the contemporary issue of feminism, queer studies, philosophy, politics, and ethics. We seek to relate this spectacle to the issue of gender, which Butler proposes to us, as we understand that there is a crossing over in this director's scenic conception, as far as gender is concerned. However, in addition to gender, we also analyzed the situation of black women in the Belo Horizonte theater scene and its implications in the current theater scene, as we understand that this is an issue of great importance at the moment we find ourselves, in which many/ other black people have been placing themselves in the theatrical, literary and other scene, as agents of their stories. Just look to the side to notice the presence of Conceição Evaristo, Leda Maria Martins, Carolina Maria de Jesus, among others. Black women who broke the barriers of silencing and the logic that the system imposed on them.

**KEYWORDS:**

Minas Gerais Theater, Theater Direction, Women in Theater, Gender, Grace Passô.

## APRESENTAÇÃO

A presente pesquisa foi desenvolvida com o intuito de compreender a relação existente entre gênero, o fazer teatral e a construção da memória na cena teatral de Belo Horizonte, buscando entender de que forma uma mulher negra, consegue romper com uma situação imposta pelo patriarcado existente na cena cultural de Belo Horizonte, impondo-se como dramaturga e diretora de Teatro.

Para compreendermos essa estruturação imposta nesse cenário, nos valemos de relatos trazidos por outros estudos nos quais, observamos o quão pequeno era o número de mulheres dirigindo espetáculos na capital mineiro entre os anos de 1980 até o início dos anos 2000. Entendemos que esse reflexo se estende ainda nos dias de hoje, porém, de forma bastante diminuída, uma vez que ao criarem linhas de fugas como: estruturação de coletivos feministas, nos quais as criações de performances e espetáculos teatrais são construídos e pensados a partir da necessidade de existir delas. Essas mulheres rompem com uma lógica que lhes vem sendo imposta há muitos anos.

Outro fator que pensamos ter possibilitado o aumento da presença da mulher no cenário da Direção Teatral, são os cursos de formação, tanto técnicos quanto universitário, linhas de fugas aos quais, ao longo dos anos elas têm sido presença efetiva, criando núcleos que lhes permitem não só quebrar com a hegemonia masculina existente nesse cenário, mas também romper com uma lógica estrutural imposta pela sociedade e que durante muito tempo tem trabalhado para manter essa invisibilização.

Entendemos a construção da memória de um povo, a partir do contar, registrar, do construir com e em função do outro (a), nesse sentido, muitas foram as mulheres que participaram e construíram nossa história teatral, no entanto, muitas delas não constam nos registros dessa história. Por exemplo, podemos afirmar que Grace Passô, não foi a primeira mulher negra a escrever, dirigir e atuar em teatro na cidade de Belo Horizonte, no entanto, num apêndice primário não nos aparece outro nome se não o dela (Grace Passô). Há na história da construção desse Teatro Mineiro, muitas Graces “Passô”, muitas Ledas “Martins”, muitas Andreias “Rodrigues”, muitas Adélias “Carvalho”, muitas Leticias “Andrade” que foram e estão sendo invisibilizadas.

E essa invisibilização se dá muitas vezes pelo fato de seus nomes serem negligenciados dos registros jornalísticos, acadêmicos, entre outros. A história tem nos mostrado, como é fácil exterminar uma determinada pessoa ou um determinado nome dos meios de circulação, basta que você pare de falar nele, assim, aqueles que vierem depois saberão muito pouco ou quase nada sobre essa pessoa. Como nos afirma Djamilia

Ribeiro no livro *Lugar de Fala*: “a história tem nos mostrado que a invisibilidade mata [...] a reflexão a ser feita, é perceber que, quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida” (RIBEIRO, 2019, p.42).

Nossos meios de comunicação tem uma eficiência muito grande em apagar dos anais da história, pessoas, as quais eles pensam ser indesejáveis, como: parando de falar nelas, eliminando sua imagem de revistas, jornais, entre outros. Assim, escrever sobre aquelas que fazem do nosso teatro um ato de subversão e que rompem com situações impostas há anos por uma sociedade patriarcal, possibilita a construção e a ascensão de novos paradigmas. Possibilita também a construção de uma sociedade galgada em poéticas menos arbitrárias mais propensas ao desenvolvimento coletivo, possibilitando aos sujeitos subalternizados (as), a possibilidade de existir, a partir de suas histórias, de suas biografias.

A pesquisa que desenvolvemos no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da UFSJ, visa analisar e trabalhar para uma (re)-construção da história/memória da cena Teatral de Belo Horizonte, com o intuito de auxiliar em uma maior visibilidade da produção teatral realizada por mulheres, sejam elas negras, brancas, latinas ou não, cis, trans, entre outras, fortalecendo redes, criando caminhos no qual o diálogo com essas mulheres possa ser o facilitador dessa reconstrução.

### **A TRAJETORIA DE GRACE PASSÔ:**

Ao tocarmos nesse ponto, nos pomos a pensar sobre a trajetória da atriz, diretora e dramaturga Grace Passô, mulher negra, que no início dos anos 2000, aparece no cenário dramaturgic mineiro, colocando abaixo alguns pilares estruturais existentes nesse cenário. Não satisfeita em escrever, essa mulher negra também dirige seus espetáculos.

Para muitos, a trajetória de Grace Passô na senda teatral, inicia-se como o espetáculo *Por Elise* em 2005, porém, acreditamos que esse início, localiza-se um pouco antes, quando ela ingressa no curso de formação de atores no Centro de Formação Artística e Tecnológica (*CEFART*), no Palácio das Artes em Belo Horizonte, em 1993, escola na qual Grace Passô vai estruturar as bases do seu trabalho como atriz. Após esse processo de aprendizado, Grace Passô lança-se como diretora e dramaturga, pelo fato de não se encontrar naquilo que outros dramaturgos escreviam para teatro (PASSÔ *apud* OLIVEIRA, 2019).

Assim, em 2005, Grace Passô se lança na construção de seu próprio universo na cena teatral e com os amigos Gustavo Bones, Marcelo Castro, Paulo Azevedo, Samira Ávila<sup>3</sup>, entre outros, funda o Grupo Espanca. Com a montagem de *Por Elise* em 2005, Grace Passô e Grupo Espanca são alavancados no cenário cultural não só de Minas Gerais, mas de todo o Brasil.

Falar de Grace Passô, e não citar algumas mulheres que vieram, antes dela, estruturando essa senda da Direção Teatral em Belo Horizonte, seria um grande sacrilégio, uma vez que a escrita dessa dissertação se apoia nos caminhos construídos por Ione de Medeiros ao longo de mais de quarenta anos de trabalho. Caminho esse, que possibilitaram a construção de um trabalho sólido, juntamente com o Grupo OficinaMultimédia, no cenário teatral de Belo Horizonte.

Assim como Grace Passô, Ione de Medeiros trilha o caminho da Direção Teatral, porém, por um viés um tanto diferente, Ione de Medeiros é formada em Música Clássica e em Letras pela UFMG. Ione de Medeiros adentra a vida teatral, ao estruturar juntamente com Rufo Herrera em 1977 o Grupo OficinaMultimédia. Em 1983, Medeiros assume a direção do Grupo OficinaMultimédia, ao conceber e dirigir o espetáculo *Biografia*, dela pra cá, são mais de vinte espetáculos, aos quais, Ione de Medeiros dá forma e assina a direção.

Falar da história do teatro em Belo Horizonte nos dias de hoje e não citar o nome de Grace Passô, Ione de Medeiros e de algumas outras como: Cida Falabella, Yara de Novaes, Mamélia Dornelles, Haydée Bittencourt, Celsa Rosa, entre outras, seria o mesmo que contribuir para manutenção desse processo de invisibilização da presença da mulher nesse cenário da direção teatral.

Como também pensamos ser impossível falar desse teatro e não relacioná-lo às questões de gênero, assunto que tanto Grace Passô quanto Ione de Medeiros denuncia ou trazem essas questões implícitas em suas falas e também em seus espetáculos.

Assim, segundo Ione de Medeiros,

embora aponte alguns nomes de diretoras na cena de BH, reconheço que a legitimação do lugar da mulher é uma conquista. “Ainda há diferenças de tratamento quando é um homem quem dirige”, afirma. (MEDEIROS *apud* ATHIÊ, 2018).

---

<sup>3</sup> Esse ator foi substituído depois pelo ator Sérgio Penna; e a atriz foi substituído depois pela atriz, Renata Cabral.

Ione de Medeiros ainda traz outros pontos de vista que diz respeito à desestabilização de estruturas normativas que atravessam as discussões de gênero, no campo das artes em Belo Horizonte, porém vamos nos ater às questões postas por Grace Passô.

Nesse tocante, quanto à questão da mulher negra dentro da cena teatral, Grace Passô afirma que:

vejo o meio artístico como um espelho muito concreto do que é o racismo no país. A mulher negra sempre foi um elemento estruturante da nossa sociedade, mas só agora acontece uma expansão dos espaços que podemos ocupar (PASSÔ *apud* OLIVEIRA, 2019).

Essa expansão, Grace Passô vai encontrá-lano teatro, mais precisamente na Direção Teatral e na Dramaturgia. Assim, ao adentrar a cena teatral, como diretora, essa mulher negra observar a preponderância masculinae por que não disser sexista, que ali se encontrava instalada, GracePassô não só se reconhece como artista, mulher e negra, mas passa a imprimir em suas encenações toda sua potência como dramaturga, mulher e negra, fazendo com que sua presença seja de fato um elemento estruturante nesse lugar que se abre na cena teatral nacional.

A partir de sua inserção nesse lugar de representação (e podemos pensar em um duplo sentido para essa palavra,pois representar é “estar no lugar de”), Grace Passô trabalha em função da ressignificação do que é ser mulher, ser negra e diretora de teatro no cenário atual,“chamando a atenção para reflexões que partem do racismo, da desigualdade social e do feminismo” (SIMÕES, 2018).

Nesse ponto, para entendemos melhor essa relação existente no cenário da direção teatral de Belo Horizonte, no que refere à presença da mulher negra nesse cenário, tomo emprestado uma definição da escritora Conceição Evaristo, que nos aponta: “quando uma mulher pobre, oriunda da favela, se põe a escrever, ela rompe com toda uma logica imposta pela sociedade” (Evaristo *apud* TV Brasil 2018).

Ao adentrarem o cenário da DireçãoTeatral, construído universos possíveis, rompendo com uma lógica imposta, Grace Passô e todas as outras que a antecederam ou mesmo as que a sucederam, nos força a repensar e a reescrever as memórias/histórias, da cena teatral, não só em Belo Horizonte.

## **GRACE PASSÔ, FEMINISMO (NEGRO) E SUA RELAÇÃO COM A CENA TEATRAL.**

Quero usar o teatro para questionar os limites e as fronteiras da existência humana (BOGART, 2011, p.76).

Partindo de um lugar de silenciamento dentro da cena teatral, e construindo juntamente com outras encenadoras uma possível visibilidade para aquilo que se propunha fazer em teatro, Grace Passô desconstrói junto ao patriarcado existente na cena teatral de Minas Gerais esse lugar de invisibilidade, direcionando sua fala às mulheres que como ela, tende a romper com a vigência desse patriarcado. Construindo redes de solidariedade, nas quais elas pudessem dialogar, falar o que sentem levar para cena de teatro, aquilo que para elas era potente. Ao construir espetáculos de grande solidez no cenário teatral, essa jovem diretora abre caminhos para possíveis representações femininas. Como ela mesma afirma em entrevista dada ao jornal *O povo*,

eu sei que represento para várias mulheres muitas coisas, muitas vozes abaixadas. O teatro que faço hoje ele é um reflexo de uma existência, digamos que consegui vencer algumas guerras, que venho conseguindo furar uma blindagem muito potente, que é a blindagem do silenciamento, do apagamento (PASSÔ *apud* SIMÕES, 2018).

Ao vencer esse silenciamento e apagamento como Grace Passô mesma afirma, ela vai ao encontro do que Oliveira (2018) defende em seu artigo *(In)visibilidades e empoderamento das encenadoras no teatro brasileiro*, e auxilia diretamente na construção de uma historiografia cênica voltada à produção feminina no teatro. É claro que Grace Passô como contribuinte direta nessa construção o faz de forma consciente, uma vez que a mesma afirma ter plena consciência de que vem,

de lugares que são lugares que foram e que são historicamente invisibilizados e silenciados. São vários lugares, não só relacionados à negritude. E, de alguma forma, partir desses lugares é interessante para expandir horizontes (PASSÔ *apud* SIMÕES, 2018).

Entender o feminismo e seu lugar como resistência dentro de uma produção cultural é de extrema importância e de muita urgência. Entender esse mesmo feminismo em função da mulher negra dentro de um âmbito geral é uma tarefa um tanto difícil mesmo nos dias de hoje, no entanto, faz-se urgente e necessário entender, falar sobre e praticar.

No livro *Mulheres, raça e classe*, Angela Davis (2016) traça um paralelo em relação à vida da mulher negra e os homens negros que eram escravizados nos Estados Unidos no século XIX. Em seus relatos, tanto homens quanto mulheres escravizadas/os desempenhavam a mesma função no trato com a lavoura. “O sino toca às quatro horas da manhã e elas têm meia hora para ficar prontas. Homens e mulheres começam juntos,

e as mulheres devem trabalhar com o mesmo afincio e realizar as mesmas tarefas que os homens” (DAVIS, 2016, p.27).

É importante observarmos que quando é para trazer lucros para determinados grupos, pode ser pensada e aplicada essa igualdade, quando essa igualdade é pensada para trazer benefícios àqueles que são ou foram de alguma forma invisibilizados, torna-se impossível. Assim, como no século XIX, “Não havia compensações pelo trabalho na lavoura, que de nada servia aos propósitos das mulheres e homens escravizadas/os”, como nos afirma Davis (2016, p.34), o trabalho doméstico era o único trabalho significativo para a comunidade escravizada como um todo, (DAVIS 2016, p.34) e às mulheres negras, no Brasil é o que resta. Para grande parte da população negra, principalmente para as mulheres, são reservados trabalhos menos remunerados.

No Brasil, a mulher negra passa de mucama a empregada doméstica, com baixa remuneração e pouco tempo para a família. Ainda segundo Grace Passô (*apud* SIMÕES, 2018), a necessidade “de colocar em evidência a perspectiva da mulher no mundo, na arte, está em vários campos da nossa sociedade e a dramaturgia é uma delas”. Por isso, ao se construir enquanto artista, a diretora constrói pontos de resistências os quais ela mesma define como lugares de refúgios.

Esse lugar de resistência, que permite à diretora pensar sua artesanaria, e que essa construção artesanal está diretamente ligada à questão social, da mulher, do negro dentro da sociedade, faz despertar no sujeito participante desse universo aquilo que Evaristo nos relata ao citar Carolina Maria de Jesus, dizendo que muitas vezes “nos vemos contidos na história de Quarto de Despejo, tanto nas tristezas vividas pela autora, quanto na audácia” a que ela se impôs, lançando-se a escrever (EVARISTO *apud* TV BRASIL, 2018).

### **ATOS SUBVERSIVOS:**

A escritora Conceição Evaristo, disse uma vez em entrevista ao jornalista Florestan Fernandes Jr, no programa Espaço Público do Canal Brasil em 2015 que: “à mulher negra é dado o direito sambar, cozinhar, prostituir-se, em alguns momentos cantar, nas escrever não” (EVARISTO *apud* TV BRASIL 2015). Esse ato de escrever, de fato é extremamente subversivo, como nos afirma a diretora de teatro Grace Passô, “escrever o que você mesma vai falar é de uma potência incrível” (Passô *apud* Oliveira 2019). Quando escrevemos e contamos nossas histórias, criamos uma relação direta com aqueles que nos cercam, influenciando-os a fazer o mesmo e isso nos permite criar

redes, que se fortalecem, criando meios que nos permitam resistir. Grace Passô afirma em entrevista à repórter Joana Oliveira:

sei que eu tenho uma produção foda e não tenho dúvidas de que o que eu faço reverbera em muita gente, mas também sei que muitas outras mulheres negras produzem coisas incríveis e só precisam de espaço (Passô, *apud* Oliveira 2019).

Como Grace Passô afirma, nosso ato de escrever reverbera na forma como construímos e reconstruímos nossa existência, nosso caminha no mundo, influenciando, dando forma e criando novos caminhos, para aqueles que nos seguem, que caminham conosco ou mesmo para aqueles que vêm depois. Muitas civilizações deixaram construções homéricas e pouco ou quase nada se sabe sobre elas, porém, aquelas que deixaram algo escrito permaneceram vivas, mesmo depois de seu desaparecimento. Nesse sentido, o ato de escrever, subverte a lógica do apagamento de certos indivíduos, pois resistimos e existimos a partir do ato de contar, do registrar.

Ao escrever aquilo que você vai falar você tem a possibilidade de transformar esse discurso em algo muito potente, subversivo, uma vez que como nos informa Grace Passô, ao fazê-lo, isso se torna “de uma potência gigantesca” (Passô, *apud* Oliveira 2019), assim, esse ato de contar, de fazer história, pode ser entendido como um ato de extrema rebeldia e subversão, principalmente se pensarmos essa subversão a partir da cena teatral. A questão é: o que o ato de escrever e contar nossas histórias tem a ver com a produção teatral em Minas Gerais?

Vale ressaltar que durante nossa pesquisa, encontramos relatos e levantamentos realizados por outros pesquisadores, no qual a relação de homens exercendo a função de diretor de teatro em Minas Gerais nas décadas de 90, até início dos anos 2000, era de aproximadamente, 119 homens para 14 mulheres na mesma função números esses que se têm registros, porém, acreditamos estar em queda acentuada (ver ALVARENGA, 2011, p. 84,85).

Mesmo assim, é possível pensar que muitas outras mulheres estivessem envolvidas com Teatro mais precisamente com a direção teatral, no entanto não tiveram seus nomes registrados naquele momento. Podemos pensar que a representatividade feminina no que tange à Direção Teatral, desde sempre foi invisibilizada, muito provavelmente devido à grande naturalização do sujeito masculino nesse mesmo local e em outros relacionados diretamente ao meio Teatral.

Portanto, retomando o ponto inicial dessa discussão, ao ingressar como diretora de Teatro nesse lugar preponderantemente masculinizado por um determinado número de sujeitos, Grace Passô não só se reconhece como negra, artista e mulher, mas passa a imprimir em suas encenações toda sua potência como dramaturga e atriz, fazendo com que sua presença, sua negrura seja de fato um elemento estruturante nesse lugar que se abre na cena teatral em Minas Gerais.

Grace Passô é mais uma daquelas que escreve “para existir como atriz, para atuar e inventar meu mundo sem ter que sujeitar-me à espera” (Passô *apud* Oliveira, 2019). Nesse sentido, percebemos o quão político e subversivo é o ato de escrever, de construir e contar histórias a partir de suas vivências. Ao escrever e dirigir seus espetáculos, Grace Passô subverte uma lógica estruturada pelo patriarcado existente no teatro mineiro.

O seu ato de escrever, dirigir e atuar auxilia na derrubada de toda uma lógica já posta, trabalhando na construção de novos paradigmas na cena teatral mineira, construções estas que podem ser pensadas quanto a questões do que é ser mulher, negra, artista e principalmente “como ser representada na cena teatral”.

Evoé a todas as vozes que se levantam e juntas se lançam à frente dessa comitiva na busca por uma reestruturação de pensamentos e paradigmas da cena Teatral, onde quer que ela aconteça.

## REFERÊNCIAS

ABÊ, Renato. Atriz Grace Passô fala sobre atuação e exclusões. **Jornal O POVO**. 01/05/2018 Disponível em: <https://www.opovo.com.br/jornal/vidaearte/2018/05/atriz-grace-passo-fala-sobre-atuacao-e-exclusoes-ao-o-povo.html>. Acesso em: 20/06/2019.

ALVARENGA, Geraldo Ângelo Octaviano de. **Teatro em Belo Horizonte: de 1980 a 1990**. (Dissertação de Mestrado em Artes) Belo Horizonte: UFMG, 2011.

ATHIE, Joyce. Ione de Medeiros segue na busca pelo experimento e comemora trajetória. **Jornal O Tempo**, 28/01/2018. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/diversao/magazine/ione-de-medeiros-segue-na-busca-pelo-experimento-e-comemora-trajetoria-1.1567588>. Acesso em: 05/07/2021.

BOGART, Anne. **A preparação do diretor**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BUTLER, Judith, **Problemas de Gênero: feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

hooks, bell; **O feminismo é para todos**. Políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

MARTINS, Gabriel R; PASSÔ, Grace. 1 vídeo (57 min). **Por Elise**. Publicado no canal Youtube. 10/05/2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HZaQKuS7ogA>. Acesso em: 15/07/ 2021.

OLIVEIRA, Leticia Mendes de. (In)visibilidades e empoderamento das encenadoras no teatro brasileiro. **Urdimento**, Florianópolis, 2018, p. 157- 173. Acesso em: 29/06/2021.

PASSÔ, Grace. **Por Elise**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2012.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2019.

SIMÕES, Lucas. **As vozes de Grace Passô**- Atriz e dramaturga apresenta em BH novo espetáculo “Preto” e prepara continuação do aclamado solo “Vaga Carne” (13/04/2018). Disponível em: <https://www.obeltrano.com.br/portfolio/as-vozes-de-grace-passo/>. Acesso em: 17/07/2021.

TV BRASIL, Programa Espaço Público. 1 vídeo (58:14) Entrevista: **Conceição Evaristo**. Publicado pelo canal youtube em: 18/06/2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3oeouOXKDbU>. Acesso em: 15/01/2020.

TV BRASIL, Programa Espaço Público. 1 vídeo (27:22) **O Trilha de Letras recebe a escritora Conceição Evaristo**. Publicado pelo canal youtube em: 20/03/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9lpOGN36WxA> acesso: 18/02/2021.